

Revista GeoUECE

Programa de Pós-Graduação
em Geografia - ProPGeo

Universidade Estadual
do Ceará - UECE

Av. Dr. Silas Munguba, 1700 -
Campus do Itaperi, Fortaleza/CE

Um olhar sobre a mudança da composição do PIB Chinês: impactos e as alternativas para a economia brasileira

Pedro José Rebouças Filho
Talita Soares Justino

Citação: FILHO, P. J. R. JUSTINO, T. S. Um
olhar sobre a mudança da composição do PIB
Chinês: impactos e as alternativas para a
economia brasileira. Revista GeoUECE (Online),
v. 5, n. 8, p. 78-92, jan./jun. 2016. ISSN 2317-
028X.

**UM OLHAR SOBRE A MUDANÇA DA COMPOSIÇÃO DO PIB CHINÊS:
IMPACTOS E AS ALTERNATIVAS PARA A ECONOMIA BRASILEIRA**

**UNA MIRADA SOBRE EL CAMBIO DE CHINO COMPOSICIÓN PIB: IMPACTOS Y
ALTERNATIVAS PARA LA ECONOMÍA BRASILEÑA**

**A LOOK ON THE CHINESE GDP COMPOSITION CHANGE: IMPACTS AND
ALTERNATIVES FOR THE BRAZILIAN ECONOMY**

Pedro José **REBOUÇAS FILHO**¹
preboucas81@hotmail.com

Talita Soares **JUSTINO**²
tallitasj_21@hotmail.com

RESUMO:

A China entrou definitivamente em uma nova etapa de seu desenvolvimento econômico, alicerçado em progresso tecnológico e consumo interno. Este novo modelo será baseado em menor crescimento industrial via investimento estatal, sendo paulatinamente substituído pela crescente participação do setor de serviços alimentado pelo consumo das famílias e pela iniciativa privada, configurando uma mudança importante na composição do PIB chinês. Elaborado a partir de revisão literária, o presente artigo tem o objetivo de destacar os impactos e as alternativas para a economia brasileira desta mudança na composição do PIB chinês. Os resultados da pesquisa evidenciam que a economia brasileira precisa se preparar para este cenário de crescimento chinês menor e para maior concorrência com produtos chineses de base tecnológica, onde o esforço tecnológico chinês e o planejamento de longo prazo na economia podem ser apontados como os principais impulsionadores do rápido deslocamento das exportações chinesas na direção de bens com maior conteúdo tecnológico. A inovação tecnológica e planejamento deveriam ser as maiores lições da economia chinesa para as outras economias do globo, sobretudo, às emergentes.

Palavras-Chave: PIB, Economia Chinesa e Economia Brasileira.

¹ Economista, Mestre em Economia pela Universidade Federal do Ceará, Docente do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri – URCA, Universidade Regional do Cariri – URCA. Rua Cel. Antonio Luis, 1161, 63.100-000 - Pimenta - Crato/CE. Dep de Economia. 88 9 93492403.

² Acadêmica do 6º semestre do Curso de Economia da URCA. Universidade Regional do Cariri – URCA. Rua Cel. Antonio Luis, 1161, 63.100-000 - Pimenta - Crato/CE. Dep de Economia. 88 9 99231235.

RESUMEN:

China, finalmente entró en una nueva etapa de su desarrollo económico, basado en el progreso tecnológico y el consumo interno. Este nuevo modelo se basa en un menor crecimiento industrial a través de la inversión estatal, siendo sustituida gradualmente por la creciente participación de sector de servicios impulsado por el consumo de los hogares y el sector privado, el establecimiento de un cambio importante en la composición del PIB chino. Extraída de revisión de la literatura, este artículo pretende poner de manifiesto los impactos y alternativas para la economía brasileña este cambio en la composición del PIB chino. Los resultados del estudio muestran que la economía de Brasil tiene que prepararse para este escenario de crecimiento chino más bajo y una mayor competencia con los productos chinos de, basada en la tecnología, donde el esfuerzo tecnológico de China y la planificación a largo plazo en la economía pueden ser señalados como los principales impulsores el rápido desplazamiento de las exportaciones chinas hacia bienes con mayor contenido tecnológico. la innovación tecnológica y la planificación deben ser las más grandes lecciones de la economía china a otras economías del mundo, particularmente en las emergentes.

Palabras clave: PIB, la economía china y la economía brasileña

ABSTRACT:

China has definitely entered a new stage of its economic development based on technological progress and domestic consumption. This new model will be based on lower industrial growth via state investment being gradually replaced by growing share of the services sector fueled by household consumption and private initiative, setting a major change in the composition of China's GDP. This review aims to highlight the impact of the changes in the composition of China's GDP on the Brazilian economy and the alternatives to deal with these changes. The research results show that the Brazilian economy needs to be prepared for this scenario of lower Chinese growth and increased competition with Chinese technology based products, where the Chinese technological effort and long-term planning in the economy can be described as the major drivers of rapid shift in Chinese exports towards goods with higher technological content. Technological innovation and planning should be the biggest lessons of the Chinese economy to other economies all over the globe emerging.

Keywords: GDP, China Economy e Brazilian Economy

1. INTRODUÇÃO

A China entrou definitivamente em uma nova etapa de seu desenvolvimento econômico, baseado em progresso tecnológico e consumo interno alavancado, principalmente, pela consolidação da classe média chinesa - homens e mulheres que, na infância, acreditavam ser impossível possuir um automóvel, mas que, hoje, viajam de avião, têm acesso a grifes de luxo e moram em cidades modernas, em apartamentos próprios.

Este novo modelo de crescimento econômico será baseado em menor crescimento industrial via investimento estatal, sendo paulatinamente substituído pela crescente participação do setor de serviços, alimentado pelo consumo das famílias e pela iniciativa privada, configurando uma mudança importante na composição do PIB chinês. Essa mudança é impactante e cria novas oportunidades, alternativas e desafios para a economia brasileira. A nova situação evidencia um cenário bastante interessante para o Brasil, uma vez que a China continuará a importar grandes quantidades de produtos agrícolas para suprir as necessidades básicas de grande parte da população chinesa que ascendeu à classe média. Entretanto, também trará grandes desafios para a economia brasileira, principalmente em relação à competição.

Projeções do Banco Mundial preveem que a China poderá crescer, até 2030, abaixo de dois dígitos, diferente da situação apresentada até 2010. Os dados evidenciam que entre 2011 e 2015 o Produto Interno Bruto (PIB) será de 9% em média; entre 2016 e 2020 corresponderá a 7% em média; entre 2021 e 2025 equivalerá a 6%; e entre 2026 e 2030 será de 5% em média (PADUAN e SALOMÃO, 2012).

A economia brasileira precisa se preparar para este cenário de crescimento chinês menor e para uma maior concorrência com produtos chineses de base tecnológica. A tendência é a China deixar de ser um exportador de “quinquilharias” eletrônicas e se especializar cada vez mais na exportação de produtos de base tecnológica avançada.

O presente artigo objetiva destacar os impactos e as alternativas para a economia brasileira desta mudança na composição do PIB chinês, baseado em elevação do consumo interno e progresso tecnológico. Para isso, apresenta-se uma revisão de literatura sobre o crescimento e composição do PIB na economia chinesa, as perspectivas de crescimento da mesma, destacando a elevação dos investimentos no setor de serviço e tecnologia e as estratégias da China para se tornar uma potência detentora de grande aparato tecnológico de ponta. Também serão considerados os substanciais investimentos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) realizados no país, sobretudo na intenção de alcançar um pleno desenvolvimento tecnológico.

A seção subsequente apresentará os impactos e as alternativas para a economia brasileira em relação a esse novo cenário que se desenha, destacando as relações comerciais entre Brasil e China, os reflexos da concorrência chinesa no mercado interno e externo, os motivos que proporcionam à China tamanha competitividade no mercado brasileiro, além das ações implementadas pelas empresas brasileiras em busca de novas alternativas e oportunidades no mercado chinês, finalizando com as considerações finais.

2. PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO E MUDANÇAS DA ECONOMIA CHINESA.

A China apresenta um crescimento econômico acelerado desde o final da década de 1970. Diversos fatores podem ser apontados como responsáveis por esse crescimento, tais como: o processo de liberalização do sistema de formação de preços; a abertura do comércio exterior; a criação de Zonas Econômicas Especiais (ZEEs); a existência de um grande contingente de mão de obra rural, que possibilitou seu deslocamento para as cidades, mantendo baixos os salários; a ausência de proteção à propriedade intelectual; o gigantesco tamanho da população da China; o crescimento dos Investimentos Diretos Externos (IDEs) e políticas de incentivo à inovação e à transferência e geração de ciência e tecnologia.

O crescimento econômico acelerado foi acompanhado por aumento da competitividade das exportações de produtos manufaturados chineses, cuja

presença do Estado e da indústria foram relevantes pelo crescimento econômico na China. De fato, ao iniciar o processo de abertura e reformas, em 1978, a opção do governo chinês foi no sentido de, deliberadamente, incentivar a industrialização (NONNENBE et al, 2008).

Entretanto, o cenário atual demonstra que a China crescerá menos nos próximos anos, e o crescimento de dois dígitos, registrados em décadas passadas, não se repetirá. Diante dessa nova configuração econômica, a China experimentará mudanças de objetivos e de estruturação das atividades que dão suporte a economia do país. Dessa forma, a potência asiática deverá direcionar políticas econômicas para o mercado doméstico, uma vez que a indústria voltada à exportação deixará de ser o principal segmento da economia.

A trajetória da indústria chinesa, suas aspirações, e os planos e políticas governamentais, indicam que a China está mesmo a se lançar em busca de uma inflexão em sua trajetória de desenvolvimento, com menos crescimento quantitativo, e maior desenvolvimento qualitativo. Em particular, em busca de um tecido produtivo de maior densidade e profundidade tecnológicas (PROENÇA et al, 2011, p.11).

Isso ocorrerá na medida em que se eleva a participação do setor de serviços no mercado de trabalho. Entre 1995 e 2010, esse setor correspondeu há apenas 34% da economia chinesa. Já entre 2011 e 2015 representou 42% do total. A projeção realizada pelo Banco Mundial mostra que de 2016 a 2020 ele poderá chegar a 48% das atividades econômicas; entre 2021 e 2025 deverá alcançar 53%; e, finalmente, entre 2026 e 2030 muito provavelmente alcance 59% da economia. Em contrapartida, a participação da agricultura no mercado de trabalho reduzir-se-á consideravelmente, pois de 1995 a 2010 era de 38%; e de 2011 a 2015 representou 30% das riquezas. A projeção é que entre 2016 e 2020 passará para 24%; de 2021 a 2025 deve ser de 18%; e de 2026 a 2030 alcance apenas 13% da economia chinesa (PADUAN e SALOMÃO, 2012). Notadamente, a produtividade estará concentrada nas cidades, enquanto o campo terá sua produtividade expressivamente afetada.

Segundo o Banco Mundial, espera-se que o consumo das famílias aumente, elevando a demanda por alimentos e a contribuição para o desenvolvimento. Assim, haverá um aumento da participação do consumo das famílias no PIB, que, de 1995 a

2010 foi de 49% e passará para 66% em 2030 (PADUAN e SALOMÃO, 2012). Esse consumo não poderá ser suprido apenas com a produção interna, tendo em vista a redução percentual no setor agrícola decorrente da migração das famílias, o que tornará necessária a realização de expressivas importações de gêneros alimentícios.

Em contrapartida todo este processo é acompanhado por um esforço de inovação tecnológica, uma vez que, depois de se tornar mundialmente conhecido como um dos maiores fabricantes de produtos baratos caracterizados pelo uso de baixa tecnologia, a China pretende produzir mercadorias inovadoras, com alta agregação de valor tecnológico, e assim conseguir superar os americanos e alemães na competição de mercado de produtos modernos, aumentando a competitividade entre os países de base tecnológica avançada.

A China, já é considerada um dos parques industriais mais dinâmicos do mundo, sendo a segunda economia que mais realiza investimentos em Pesquisa e desenvolvimento (P&D), estando apenas atrás dos Estados Unidos da América (EUA) e à frente do Japão.

O Gráfico 1 mostra a ocorrência de sucessivos acréscimos do percentual de investimentos destinados ao desenvolvimento de pesquisas na China nos anos de 2010, 2011 e 2012, com índices que chegam, respectivamente, a 12%, 13% e 14%. Enquanto isso, no mesmo período, o Japão obtém percentuais inferiores. Já os EUA, embora tenha o seu percentual reduzido, ainda assim apresenta elevadíssimos investimentos.

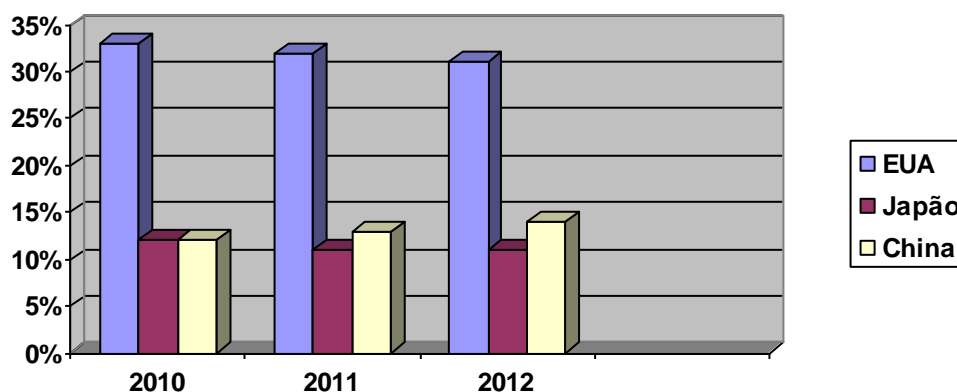


Gráfico 1- Investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D)

Fonte: Criado pelo próprio autor segundo dados da Battele, Kairos Future, Thomson Reuters USPTO apud PADUAN e SALOMÃO, 2012.

A expansão dos investimentos direcionados ao mercado interno e a criação de zonas voltadas ao progresso tecnológico e às estratégias das grandes empresas transnacionais no mercado chinês, levaram a uma nova onda de investimentos externos para o mercado interno. Ao lado deste esforço tecnológico que resultou em deslocamento das exportações chinesas na direção de bens com maior conteúdo tecnológico, sobretudo na Tecnologia da Informação (T.I.), está a estratégia estabelecida no 10º Plano Quinquenal de 2001, isto é, estimular, através da infraestrutura, uma “marcha ao oeste”, de forma a reduzir os desequilíbrios regionais (STORY, 2004, apud MEDEIROS, 2006).

Esse esforço tecnológico pode ser apontado como o principal impulsionador do rápido deslocamento das exportações chinesas na direção de bens com maior conteúdo tecnológico, sobretudo na T.I., que deveria ser a maior lição da economia chinesa para as outras economias do globo, destacadamente as emergentes. Segundo o Banco Mundial, os investimentos em P&D na China ultrapassaram os do Japão em 2011. Os chineses quase que dobraram o número de cientistas e pesquisadores nos últimos quatro anos (PADUAN e SALOMÃO, 2012). A inovação tecnológica é o grande motor da economia chinesa atualmente e aos poucos as iniciativas em termos de inovação começam a ser implementadas com recursos privados. A China está investindo de maneira proativa em setores baseados em alta tecnologia como biociência e maquinário para fábricas, sendo que, do total das exportações chinesas, 30% são classificadas como de alta tecnologia (STORY, 2004, apud MEDEIROS, 2006).

A taxa de urbanização cresceu nos últimos 20 anos 38% a.a., exercendo uma demanda extraordinária sobre residências e equipamentos urbanos. A demanda por residências e bens de consumo impulsiona o mercado chinês em duas direções. Em primeiro lugar, pela expansão horizontal do mercado de consumo devido à incorporação de maior número de famílias urbanas com maior poder aquisitivo. Em segundo lugar, devido à expansão vertical do mercado decorrente da maior concentração da renda e da introdução de novos padrões de consumo. As

mudanças nos padrões de consumo ocorrem em todos os segmentos. A introdução de novos hábitos alimentares (com efeitos significativos sobre o consumo de carnes e cereais), de novos bens industriais, tanto os da base tecnológica anterior (como automóveis) quanto os intensivos em TI (telefones celulares, computadores) e de novos serviços de apoio a essas transformações (telecomunicações, rodovias), como os decorrentes da elevação da renda pessoal como turismo, alimentação fora da residência, etc. Devido ao tamanho da sua população, a elevação da renda média chinesa, que ainda situa-se em níveis muito modestos em termos internacionais, leva a grandes transformações no tamanho absoluto do mercado consumidor. Assim, por exemplo, o mercado de televisão, de telefones celulares e de usuários da Internet é do tamanho e está em marcha de ultrapassagem ao dos EUA, e seguramente do Japão. É este grande mercado interno o centro de gravidade para a dinâmica economia asiática (YANZHONG, 2003, apud MEDEIROS, 2006).

3. OS IMPACTOS E AS ALTERNATIVAS DA ECONOMIA CHINESA PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

O ponto positivo desta inflexão da composição do PIB chinês para a economia brasileira esta ligada à necessidade de importação de produtos básicos pela China, principalmente alimentos, devido à crescente urbanização e elevação de renda da classe média. Grande parte das vendas do Brasil para China é de produtos básicos, o que garante a manutenção dos preços das *commodities* em um patamar elevado.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), os principais mercados de destino das exportações brasileiras, em 2012, foram a China (US\$ 41,2 bilhões), os Estados Unidos (US\$ 26,8 bilhões), Argentina (US\$ 18 bilhões), Países Baixos (US\$ 15 bilhões) e Japão (US\$ 8 bilhões) (SECEX/MDIC, 2013).

Dados do Banco Mundial apontam que cerca de 520 milhões de pessoas devem ascender à classe média até 2021 na China, elevando o consumo de alimentos. Estima-se que o tamanho do mercado chinês de alimentos gire em torno

de um trilhão de dólares até o fim de 2016, com um ritmo de crescimento de 13% em média ao ano, fato este que favorece as exportações brasileiras (PADUAN e SALOMÃO, 2012).

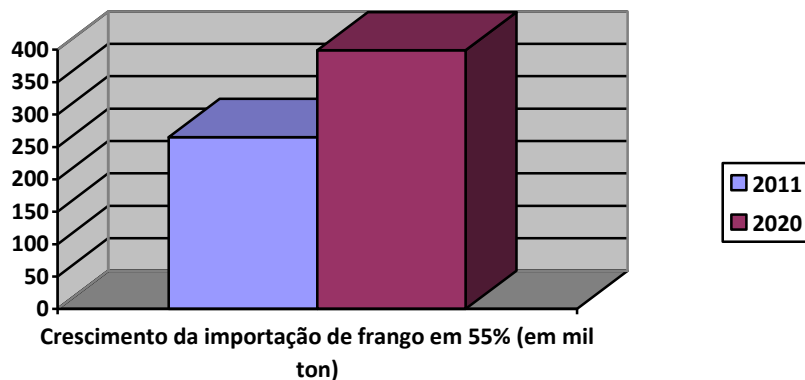


Gráfico 2- Projeção do Crescimento da Importação de Frango

Fonte: Criado pelo próprio autor, segundo dados do Banco Mundial, Ibre/FGV, Insper, Sindipeças, Abrammat, Abit, Alexandre Barbosa, IEB/USP e CNI/Funcex apud PADUAN e SALOMÃO, 2012.

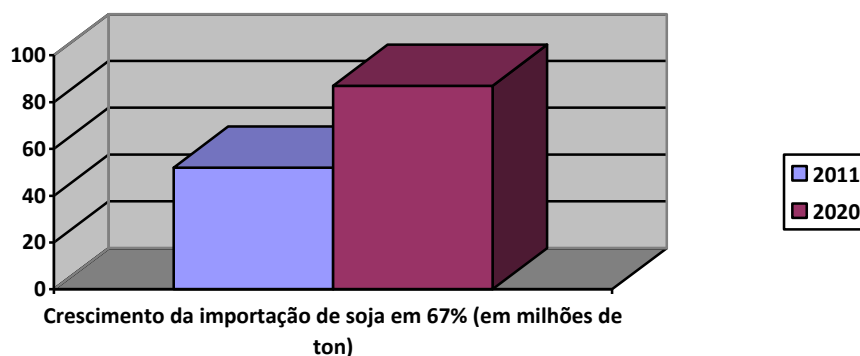


Gráfico 3- Projeção de Crescimento da Importação de Soja

Fonte: Criado pelo próprio autor segundo dados do Banco Mundial, Ibre/FGV, Insper, Sindipeças, Abrammat, Abit, Alexandre Barbosa, IEB/USP e CNI/Funcex apud PADUAN e SALOMÃO, 2012

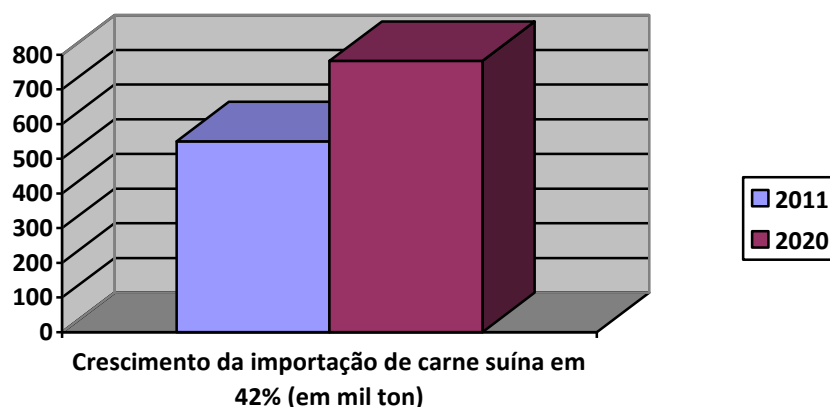


Gráfico 4- Projeção de Crescimento da Importação de Carne Suína

Fonte: Criado pelo próprio autor segundo dados do Banco Mundial, Ibre/FGV, Insper, Sindipeças, Abrammat, Abit, Alexandre Barbosa, IEB/USP e CNI/Funcex apud PADUAN e SALOMÃO, 2012

No período entre 2011/2020, as importações chinesas de frango provenientes do Brasil devem crescer 55%, o mesmo ocorre com a soja, crescimento de 67% no mesmo período e com a carne suína, uma elevação das importações chinesas em torno de 42%. Essas projeções evidenciam a necessidade da China em importar, até o ano de 2020, uma grande quantidade de gêneros alimentícios.

Do ponto de vista negativo, a interação comercial entre os dois países provocou uma concorrência comercial devastadora para produtos brasileiros de setores como calçados, têxteis e brinquedos. Esta situação já é bastante conhecida, o aspecto novo que está chamando atenção é que os chineses estão adentrando a mercados mais sofisticados como máquinas e equipamentos elétricos, autopeças e eletroeletrônicos. Segundo o Banco Mundial, a China avançou na última década em termos de produção industrial global, enquanto a indústria brasileira ficou estagnada. As projeções do Banco Mundial indicam que até 2030, a China representará 25% da produção industrial do mundo. O objetivo chinês agora é vender produtos de base tecnológica avançada. Para o Brasil vai ser difícil conviver com essa nova realidade concorrencial, os setores industriais eleitos como prioritários são: Tecnologia da Informação, biotecnologia, equipamentos industriais, novos materiais e carros elétricos (PADUAN e SALOMÃO, 2012).

O déficit comercial brasileiro com a China em termos de produtos industrializados (em bilhões de dólares) já é bastante expressivo, como pode ser observado no Gráfico 5.

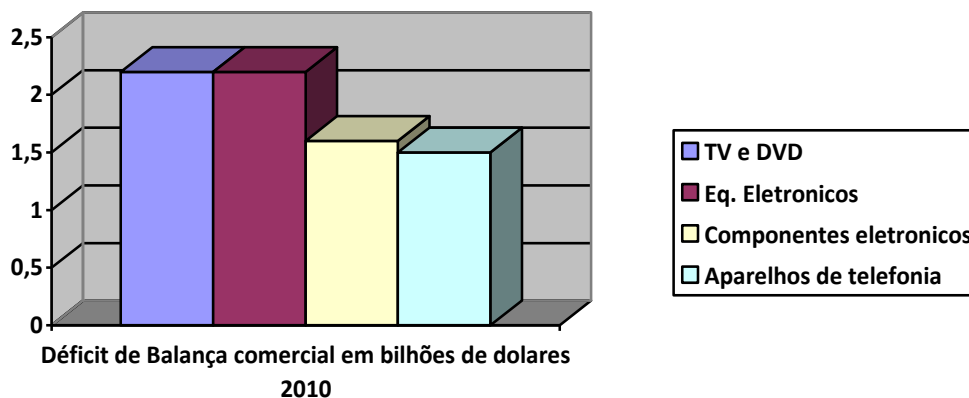


Gráfico 5 - Déficit Comercial Brasileiro com a China em Termos de Produtos Industrializados (em bilhões de dólares)

Fonte: Criado pelo próprio autor segundo dados do Banco Mundial, Ibre/FGV, Insper, Sindipeças, Abrammat, Abit, Alexandre Barbosa, IEB/USP e CNI/Funcex apud PADUAN e SALOMÃO, 2012

O processo de crescimento e diversificação de formas de produção e novas tecnologias na megapotência asiática trarão grandes oportunidades e alternativas para a economia brasileira, e, em escala maior, desafios em praticamente todos os setores produtivos brasileiros, o que, possivelmente, afetará a posição da economia brasileira no setor externo, sobretudo as empresas brasileiras que não tem estrutura para operar com margens muito mais baixas.

Uma vez que os chineses desfrutam de vantagens expressivas em relação aos produtos brasileiros, seja decorrente do fato de conseguirem baixos custos finais, resultado da grande escala de produção, bem como o fácil acesso a tecnologias, entre outros fatores, contribuem para que os chineses se tornem grandes competidores no mercado brasileiro, ou seja, a China adquire vantagens tanto associadas à economia de escala quanto de escopo. Os setores mais atingidos são os materiais eletrônicos, comunicações, têxteis, equipamentos hospitalares e de precisão, calçados, máquinas e equipamentos (FERNANDES, 2011).

Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional da Indústria³ - CNI (2011) evidenciou o quanto a concorrência com a China na indústria brasileira é significativa, atingindo de forma agressiva tanto o setor doméstico, quanto externo. Mais de 70% das empresas brasileiras nos setores da indústria de material eletrônico de comunicação e têxtil são afetadas pela competitividade dos similares chineses e um quarto das empresas industriais brasileiras concorre no mercado doméstico com os chineses.

Referente à concorrência das empresas brasileiras com as chinesas no mercado internacional a situação se agrava ainda mais, verificando que 67% das empresas brasileiras que competem com os produtos da China perderam clientes, enquanto 4,2% delas deixaram de exportar devido à competitividade (CNI, 2011). Um exemplo interessante é o da fabricante de ônibus e carrocerias Marcopolo: os chineses já tomaram 40% do mercado da Marcopolo no Chile, 30% no Peru e 10% no Uruguai (PADUAN e SALOMÃO, 2012).

As empresas brasileiras que estão expostas à concorrência das mercadorias provenientes da China têm como estratégias para se fortalecerem a realização de investimentos em qualidade, layout, redução dos custos ou ganho de produtividade nos produtos.

O Brasil, a passos modestos, está investindo em capacitação de mão de obra por meio de cursos profissionalizantes com recursos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC). Dentre os setores que serão beneficiados estão Tecnologia da Informação (T.I.) e Comunicação, Têxtil e Confecções, Petróleo e Gás, Pesca e Aquicultura e Energias Renováveis; e toda a infraestrutura de cursos são ministrados pelo Sistema S (Senac, Sesi, Senai e Sebrae) e pelos Institutos Federais e Estaduais de ensino (MDIC, 2012).

Grandes empresas brasileiras estão apostando em parecerias para investir e produzir na China, onde se destacam a Vale do Rio Doce, que exporta muito para China, sendo que 19% do minério de ferro da China são provenientes da empresa. Também a Marfrig faz parcerias com empresas chinesas para produzir e distribuir

³ A sondagem foi realizada pela Confederação Nacional da Indústria entre os dias 4 e 9 de Outubro de 2011 com 1.529 empresas brasileiras.

alimentos. As perspectivas dessas e de outras empresas que visam competir no mercado chinês é aumentar ainda mais o nível das mercadorias destinadas à China e fortalecer os laços econômicos com a grande potência (PADUAN e SALOMÃO, 2012).

As dificuldades de competir com a China crescem à medida que ela incrementa seus produtos com alta tecnologia, enquanto o Brasil permanece com deficiência estrutural na indústria e continua cada vez mais dependente de importação de tecnologias. Os chineses almejam competir no mercado como grandes vendedores de produtos sofisticados com alta tecnologia nas áreas da tecnologia da informática, biotecnologia, equipamentos industriais, novos materiais e carros elétricos. Certamente será um grande desafio conter os impulsos ofensivos da potência econômica asiática.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A China inaugurou uma nova etapa de seu desenvolvimento econômico, baseado em progresso tecnológico e consumo interno alavancado principalmente pela consolidação da classe média chinesa.

O ponto positivo desta inflexão da composição do PIB chinês para a economia brasileira esta ligada à necessidade de importação de produtos básicos, principalmente alimentos, devido à crescente urbanização e elevação de renda da classe média. Por outro lado, é preocupante o fato de que os produtos mais exportados do Brasil para China são commodities (açúcar, soja, petróleo bruto, minério de ferro, entre outros), enquanto importamos eletrônicos e máquinas. Dessa forma o Brasil tende a apresentar desequilíbrios nas contas externas, correndo um grande risco em termos de vulnerabilidade externa.

O ponto negativo da mudança da composição do PIB chinês, é que ela representa enormes desafios para a economia brasileira, que precisa se preparar para este cenário de crescimento econômico menor do país asiático e para uma maior concorrência com produtos chineses de base tecnológica. É neste ponto que a economia brasileira teria que aprender as lições provenientes da Ásia, pois o

segredo da expansão econômica chinesa foi, antes de tudo, planejamento e execução. Os planos quinquenais chineses são detalhados e prevêem ações contínuas de longo prazo.

A concorrência chinesa não pode ser apresentada como única desculpa para as perdas da indústria brasileira. Nossos problemas estruturais representam um espelho da nossa dificuldade em concorrer com a China e o destino da indústria brasileira depende de ações estruturais internas para superar nossos gargalos.

O esforço tecnológico chinês e o planejamento de longo prazo na economia podem ser apontados como os principais impulsionadores do rápido deslocamento das exportações chinesas na direção de bens com maior conteúdo tecnológico. A inovação tecnológica e planejamento deveriam ser as maiores lições da economia chinesa para as outras economias do globo, sobretudo as emergentes.

REFERÊNCIAS

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA - CNI. **Encontro Empresarial Brasil-China, 2011**. Disponível em: <<http://www.cni.org.br/portal/data/pages/FF808081272B58C0012730BE47087D4C.htm#Conteudo>>. Acesso em: 13 jan. 2013

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA - CNI. **Combate à concorrência chinesa será prioridade do Conselho Empresarial Brasil-Argentina**. Disponível em:< <http://www.portaldaindustria.com.br/cni/imprensa/2012/01/1,2544/combate-a-concorrenca-chinesa-sera-prioridade-do-conselho-empresarial-brasil-argentina.html> >. Acesso em: 14 jan. 2013

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA - CNI. **Sondagem Especial - 67% das empresas exportadoras que concorrem com produtos chineses perdem clientes**. Disponível em: <http://arquivos.portaldaindustria.com.br/app/contendo_24/2012/09/04/209/20121123184100477933u.pdf> Acesso em: 16 jan. 2013

FERNANDES, J A C. **Brasil competitivo: desafios e estratégias para a indústria da transformação**. [S.l.; s.n.], 2011.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. **Exportações brasileiras mantêm patamar elevado em 2012**. <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=5¬icia=12078> > Acesso em 14 jan. 2013

FILHO, P. J. R. JUSTINO, T. S. Um olhar sobre a mudança da composição do PIB Chinês: impactos e as alternativas para a economia brasileira. *Revista GeoUECE (Online)*, v. 5, n. 8, p. 78-92, jan./jun. 2016. ISSN 2317-028X.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. **TIC e eletroeletrônico têm primeira reunião do conselho de competitividade.** Disponível em: <
<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/noticia.php?area=3¬icia=11492> >.
Acesso em: 16 jan. 2013

MEDEIROS, C. A. A China como um duplo polo na economia mundial e a recentralização da economia asiática. **Revista de Economia Política**, v. 26, n. 3 (103), p. 381-400, julho-setembro/2006.

NONNENBE, M. B. et al **O crescimento econômico e a competitividade chinesa.** Texto para discussão N° 1333. Rio de Janeiro: IPEA, 2008.
PROENÇA, A. et al. **Tecnologia e competitividade em setores básicos da indústria chinesa: estudos de caso.** Rio de Janeiro, 2011

PADUAN, R; SALOMÃO, A. A China escolhe seu caminho. E nós? **Exame**, São Paulo, ano 46, n. 22, p.40- 51, 14 de nov. 2012.

SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR - SECEX/ MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - MDIC. **Exportações brasileiras mantêm patamar elevado.** Disponível em: <
<http://www.desenvolvimento.gov.br/> > Acesso em 13 jan.2013.

STORY, J. **China a corrida para o mercado.** São Paulo: Futura, 2004.
YANZHONG, W. Structural Change of China's Labor Force and the Unemployment Issue, **China & World Economy**, n. 6, 2003.

YOKOTA, P. **Os Investimentos em pesquisas e desenvolvimentos.** Disponível em:
<<http://www.asiacomentada.com.br/2010/12/os-investimentos-em-pesquisas-e-esenvolvimentos>
>. Acesso em 12 jan. de 2013.